

11 AGO 1988

DÍVIDA

Externa

JORNAL DA TARDE

Com ou sem Mailson, os acordos não mudam.

Os acordos fechados pelo governo brasileiro com o FMI — Fundo Monetário Internacional — e o Clube de Paris, além do pacote de renegociação da dívida com os bancos credores privados, que está na iminência de ser integralizado, não seriam prejudicados diante de uma eventual demissão do ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega. As negociações — observam auxiliares de Mailson, que participaram ativamente dos processos de renegociação — avançaram tanto que dificilmente poderiam retroceder. Admitem, porém, que haveria uma rápida retração da comunidade financeira internacional em relação ao Brasil, mas que desapareceria tão logo o novo ministro revelasse seus planos.

Os auxiliares de Mailson também acham que dificilmente o presidente José Sarney mudaria os rumos da renegociação externa, justamente porque ela está praticamente fechada, depois

de muitos anos de incerteza e discussões.

O presidente Sarney não elevaria ao posto de ministro da Fazenda um homem com idéias muito diferentes das de Mailson da Nóbrega no campo externo, prevêem os assessores. Caberia ao novo ministro apenas manter as metas básicas para a economia brasileira até o final do próximo ano, apresentadas ao FMI e ao comitê dos bancos credores — especialmente o controle do déficit público em 4% do PIB em 1988 e 2% em 1989 —, para a negociação externa seguir seu curso.

Com os governos dos países desenvolvidos, reunidos no âmbito do Clube de Paris, Mailson da Nóbrega fechou um acordo de reescalonamento da dívida entre 1987/1989, com carência até 1990. Falta apenas o Brasil retomar os empréstimos com cada um dos "Eximbanks" dos países credores.

Estas negociações serão ini-

ciadas tão logo o FMI libere a primeira parcela de US\$ 400 milhões, do empréstimo total de US\$ 1,5 bilhão, previsto no acordo já aprovado pela diretoria da instituição. E o Fundo só liberará a primeira parcela assim que o Brasil fechar em definitivo o acordo de médio prazo com os bancos credores.

O ministro Mailson da Nóbrega já conseguiu que mais de 90% dos bancos aderissem ao protocolo inicial do acordo, quase atingindo o percentual mínimo necessário para a assinatura do acordo definitivo. Este percentual tem prazo até o início de setembro para ser atingido. Como falta muito pouco para se chegar nele, os assessores de Mailson da Nóbrega entendem como certa a assinatura do acordo definitivo, que provocará a liberação do dinheiro do FMI e também a normalização dos empréstimos dos países desenvolvidos. O acordo com os bancos credores prevê empréstimo de qua-

se US\$ 5 bilhões ao Brasil até o final de 1989.

Depoimento

"A dívida externa brasileira dificilmente será paga tostão por tostão, centavo por centavo", previu ontem o embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Marcião Marques Moreira, em depoimento feito na Comissão de Relações Exteriores do Senado, em Brasília. Antes de depor, ele já dissera concordar com o senador Leite Chaves (PMDB/PR), que concluiu ser o País incapaz de suportar remessas de divisas no patamar de US\$ 12 bilhões ao ano, a título de juros.

É justamente esta incapacidade, disse Marcião, que conduziu o governo à busca de alterativas como o abatimento de parcelas da dívida, spreads (taxas de risco) mais baixos e prazos cada vez mais dilatados. "Os acordos firmados entre os governos brasileiro e seus credores não são definitivos", revelou o embai-xador.